

FHC ajudará Serra, mas sem subir em palanque

José Paulo Lacerda/AE

Segundo o presidente, ajuda a candidato do governo será 'nos limites institucionais, do cargo'

TÂNIA MONTEIRO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso avisou ontem que vai permanecer na posição de magistrado durante o segundo turno, ajudando o candidato José Serra (PSDB) “nos limites institucionais, do cargo”, conversando com aliados, mas sem subir em palanques.

“O presidente não pode se confundir com cabo eleitoral. Eu acho que é preciso manter a posição de presidente e manter a compostura”, afirmou. “Essa é a minha limitação. Fora disso, farei o que for necessário.”

Ele acrescentou que palanque é “em si, uma coisa antiquada”. “O presidente ir a um comício? Não me parece o melhor modo de esclarecer idéias.”

As declarações foram feitas na tarde de ontem, no Palácio da Alvorada, quando comemorou o “êxito” do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) na condução do processo eleitoral. O presidente reiterou que vai governar até 31 de dezembro e lembrou que o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, tem dito que não quer assumir responsabilidades antes do tempo.

Questionado se não estava sendo pessimista em relação a Serra, já que fazia ponderações se referindo à possibilidade de vitória de Lula, Fernando Henrique negou. E disse que, então, a ressalva estava feita em relação a Serra. “Aliás, em relação à área econômica, econômica, Serra já disse que manterá Armínio Fraga no Banco Central”, disse ele. O presidente acentuou, porém, que um candidato não deve ser pressionado a indicar um nome agora – o que não o impede de traçar o perfil de um possível escolhido.

“ Não vi nada de novo no debate eleitoral. Nada. Nenhuma proposta. Zero. Por isso, quero conhecer as propostas ”

Fernando Henrique Cardoso



Fernando Henrique, durante entrevista, no Palácio da Alvorada: presidente garantiu que vai governar até o dia 31 de dezembro

OS PRINCIPAIS TRECHOS

Estes são os principais pontos da entrevista do presidente Fernando Henrique Cardoso:

■ **Conseqüências** – “O eleito brasileiro é maduro e sabe o que o governo fez. Quando algum candidato diz que vai fazer isso ou aquilo, tem de falar das conseqüências, explicando, se fizer tal coisa, vai ter inflação. A situação mudou. Vivemos há nove anos com estabilidade econômica. Qual serão as conseqüências econômicas de propostas que podem acabar com ela? É preciso que se diga. Isso aí não é julgar se o governo foi bom ou mal.”

■ **Políticas** – “O segundo turno vai dar mais margem para que se discuta sobre qual é a po-

lítica social. Não vi nada de novo no debate eleitoral. Nada. Nenhuma proposta nova. Zero. Espero que, se ganhar o Lula, tudo que o PT votou contra vá votar a favor agora. Por isso, quero conhecer as propostas, já que este é o momento de as coisas serem esclarecidas.”

■ **Sudam-Sudene** – “Vi com muita insistência dizerem que o presidente acabou com a Sudam e com a Sudene. Não. Eu acabei com a imoralidade e com a roubalheira nas duas. Eu mudei os processos. Mas os recursos estão lá. Não se acabou com as instituições de apoio ao equilíbrio regional.”

■ **Posse** – Nunca quis um dia de mandato prorrogado. Eu

sempre fui contrário aos mandatos biônicos, eu não me sentiria cômodo. Eu já até disse que eu preferiria, então, se for o caso para acertar a posse, que se antecipe e não que se prorrogue. Minha opinião pessoal é essa. Agora, não sei se haverá tempo para corrigir isso.”

■ **Enéas** – (Sobre o candidato Enéas ser eleito com um milhão de votos e favorecer outros, com pouquíssimos votos). “Eu, quando era senador, propus e consegui fazer aprovar na Comissão de Justiça do Senado a mudança deste sistema eleitoral, para fazer um sistema distrital misto, exatamente para evitar que esse sistema de proporcionalidade produza esses resultados. Infelizmente essas reformas têm sempre bloqueios porque há outros interesses, legítimos.”

■ **Propostas** – “Eu acho que

uma eleição com essa importância, a questão central é o que se diz, o que o candidato diz, os que o apóiam dizem. Os candidatos têm de dizer com mais clareza. Não basta dizer ‘estou contra tudo que aí está’, mas a favor do quê? Qual é a política que está sendo proposta? Isso vale para todos os candidatos.”

■ **Congresso** – Não quero discutir, primeiro, a eventualidade de (Lula) ser eleito. Segundo, existem dificuldades (para a composição no Congresso) e acho que isso depende das circunstâncias. O Executivo, quando tem uma proposta no Congresso, em qualquer Congresso, tem dificuldade. Como o presidente não é e nem deve ser um ditador, autoritário, ele vai ter de conversar com o País em geral e com o Congresso especificamente, que são as forças polí-

ticas organizadas que representam o País – que têm opiniões diversas.”

■ **Unir imagens** – “Eu não acho que se deva unir figuras. Isso é uma questão de um jogo de marketing. O José Serra é bastante diferente de mim, como pessoa, como estilo, como personalidade – isso é muito bom que seja. Não tem de votar porque é parecido ou distante de mim. Eu acho que as pessoas devem se apresentar como elas são.”

■ **Equipe** – “Eu ouvi uma declaração do candidato Lula hoje que eu acho que ele tem razão. Ele disse: ‘Quando eu for eleito presidente, vou indicar o ministério todo.’ Eu acho que ele tem razão. Eu não vejo que se deva estar cobrando só tal posição, e qual posição. Nossa preocupação é com o Brasil. O Brasil tem ministro Fazenda, mas também tem ministro da Educação, da Saúde, dos Transportes, da Reforma Agrária, tem uma porção de outros ministros que são importantes, então, eu acho razoável. Eu não creio que seja correto neste momento estar-se a pôr pressão sobre alguém que não é presidente ainda, para que indique tal ministro ou qual ministro. Acho, por outro lado, que as circunstâncias vão mostrar a qualquer que venha a ser o presidente, que é da conveniência dele (...) que diga ‘você vão ser conduzidos a um gabinete com essas características, um Ministério com essas características’. Isso dá um certa tranquilidade ao País – não aos mercados, ao País, aí sim.”

■ **Decisão** – “A decisão é minha até o dia 31 de dezembro. Aliás o Lula tem repetido isso, como não querendo assumir, e com razão, antes da hora. Agora, uma vez eleito um presidente, eu acho que é preciso que haja uma transferência de informações pertinentes para que ele possa tomar, quando ele vier a ser presidente, as medidas que desejar de uma maneira adequada, é isso que é transição.”